

aplicada ao 11.
Nacional, da
taduais. Este nú
de uma pesquisa
sua para a publi
o de outras tes
ras como norte
de seu conteúdo
do Para e Porto
ção foi pensada
interlocutores
Tejo, Armando
nda Albuquerque.
mité editorial, re
artistas, ativistas,
ensaios e inter
do experiências e
ntativa de desfazer
jônicos. Esta edi
uma...
da...
uas...
a...
ão...
da...
pre...
de...
negro e in
ana, a Bienal d
mônio históric
midade, repre
a e invisibilidade.

Aten
gira
sema
do bot
e Paul
desab
foi fun
progre
Casa do
local da
da comun
de de
Pouzar
matéria do
do clube co
entre histó
Em 2016
da segund
cancões qu
memória d

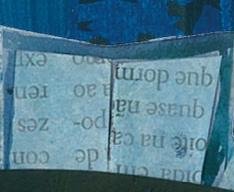
Daniel Munduruku

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Uma quase autobiografia

liza com uma
psicóloga e his
Coimbra, feita

No ensaio
toda per te
propõe um
surrendu
omo
bre al
ano e
e des re
ndo aos
goria de
mpanhas



Roteiro de Leitura
Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Roteiro de Leitura

Ana Mariza Filipouski
e Diana Marchi

I. Informações gerais

Autor, obra e ilustradora

Motivação para a leitura

Categoria, gênero e temas

Subsídios, orientações e propostas de atividades

II. Orientações para as aulas de Língua Portuguesa

Pré-leitura

Compreensão e estudo do texto

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Pós-leitura

III. Potencial interdisciplinar

Autor, obra e ilustradora

Daniel Munduruku (Belém/PA, 1964), escritor indígena com cerca de 50 livros publicados para o público infantojuvenil, conta que pegou gosto pela leitura por causa de uma aranha. Na sua escola, ainda criança, tinha como tarefa organizar a biblioteca. Mesmo que todos os dias limpasse as prateleiras, uma aranha fazia teia no mesmo lugar, sobre o mesmo livro. Intrigado, resolveu ver o que chamava tanto a atenção do bichinho. Foi a primeira vez que leu *O pequeno príncipe*. Desde então, Munduruku, além de leitor, virou também um escritor com diversos prêmios, entre eles o Jabuti e o da Academia Brasileira de Letras. Suas histórias giram em torno da temática indígena, e não apenas sobre os mundurukus, povo ao qual pertence, mas sobre diferentes culturas e aldeias que existem no Brasil. Escrever é uma forma de se manter ligado à cultura da aldeia que deixou no Pará e descobrir novos horizontes, diz ele. Assim, sem se distanciar das raízes do povo munduruku, tornou-se educador social, criou um jeito de ensinar que inclui a tradição indígena de contar histórias.

Nesse livro, Daniel Munduruku convida seus leitores a mergulhar no rio de sua própria história. Apresentados em breves crônicas, cada capítulo está repleto de memórias e aprendizados, narrados afetosamente. As vivências da

infância, os anos no seminário, a descoberta do amor e a descoberta de si, enquanto escritor, tudo a granel. Tudo (quase) verdade.

Rita Carelli (São Paulo/SP, 1984) é atriz, realizadora e ilustradora. Viveu parte de sua infância entre aldeias de índios, acompanhando seus pais em filmagens e pesquisas. Seus livros são uma forma de compartilhar com as crianças não indígenas e suas famílias as alegrias e dificuldades das crianças indígenas do Brasil.

Motivação para a leitura

Em uma roda de conversa, faça algumas indagações para o grupo:

- Você já deve ter ouvido falar sobre a história de vida de alguém, não é mesmo?
- Quando falamos o que sabemos sobre a história de vida de alguma pessoa, de que estamos falando?
- O que a palavra biografia representa para vocês?
- E a sua história, vocês já contaram para alguém?
- Quando as pessoas fazem esse tipo de coisa, de que estamos falando?

O objetivo é despertar a curiosidade da turma e fazer uma sondagem inicial sobre o conhecimento prévio, ponto de partida para qualquer atividade em sala de aula.

Leia, então, um trecho do livro de Daniel Munduruku para os alunos:

"É assim que imagino minha biografia. Ou melhor, quase biografia. Biografias são vidas já vividas, completas e que já desvendaram seu final. Prefiro achar que estou no processo de escrevê-la. Como ainda não cheguei ao final do meu poema-vida, também não poderei dar como concluído." (p. 216).

Convide-os a pensarem um pouco em sua história de vida. Observe que, às vezes, um brinquedo esquecido em um canto, uma história lida na infância, um fato que pensamos ter acontecido só conosco assemelham-se às lembranças de colegas e amigos, e, por isso, geram sentimentos semelhantes.

Inicie você, resgatando suas próprias lembranças. Por exemplo, um livro ou conto da literatura infantil que foi seu preferido. Estabeleça relação entre a sua vida e a história. Na medida em que os alunos forem verbalizando suas histórias/lembranças, anote no quadro de forma esquemática (brinquedos, livros, fatos, viagens, férias etc.), indicando o sentimento gerado, apenas para que visualizem as várias possibilidades que despertam as nossas memórias.

Mostre então a capa do livro *Memórias de índio*, de Daniel Munduruku. Convide-os a lerem "Memória a granel: introduzindo nossa conversa" (p. 10). Converse sobre o que imaginam encontrar no livro a partir das informações que obtiveram (título do livro, excerto, conhecimento de outras obras do mesmo autor etc.) e solicite a leitura extraclasse.

Categoria, gênero e temas

Categoria:

1º ao 3º anos ensino médio

Gênero:

Memória, diário, biografia, relatos de experiências

Temas:

Projetos de vida; cidadania; diálogos com a sociologia e a antropologia

Essa “quase autobiografia” de Daniel Munduruku tem o leitor jovem como destinatário privilegiado, quer pela densidade da proposta, quer pelas referências trazidas. Como diz o autor, na p. 11: “Aos poucos e à medida que ficamos jovens, conseguimos perceber a influência de tudo o que passamos”. Composta por textos curtos e pequenas crônicas, tem como temas a construção da identidade e o processo de amadurecimento, o desafio do trabalho pela coletividade e as expectativas da fase adulta descritos num movimento circular cuja referência está sempre na ancestralidade do povo munduruku.

Subsídios, orientações e propostas de atividades

Este Manual oferece aos professores alternativas para a formação do leitor. Para isso, elege como destinatários os alunos da educação básica e sugere subsídios, orientações e propostas de atividades para o componente curricular Língua Portuguesa. Tendo o texto literário como foco, destaca temas e assuntos de interesse dos alunos.

A intenção é apresentar oportunidades de construção de aprendizagens significativas

através do desenvolvimento de competências e habilidades que deem importância à cultura letrada na contemporaneidade, preparando-os para uma atuação comprometida, responsável e criativa perante a vida social.

No contexto da educação, o ponto de partida é o que o aluno conhece, e a tarefa da escola é fazê-lo interagir com os conhecimentos de referência de forma crítica. Para isso, a literatura mostra ser um caminho a partir do qual ele pode observar a relação com a sociedade e entender como se forma a vida social e histórica, a cultura, a literatura, como ensina o mestre Antonio Candido.

Logo, o professor pode agir de modo interdisciplinar e se valer de pontos de apoio que valorizam as análises na sala de aula e as possíveis relações com a vida. Pode também recorrer tanto à cultura letrada quanto à popular e de massas, ou à cultura digital, mostrando que elas não são esferas estanques, mas possuem pontos de aproximação e de interesse criativo.

A atitude investigativa que orienta esse Manual tem a intenção de motivar os alunos para a leitura crítica, para uma atuação argumentativa diante do que foi lido. Isso fortalece a construção de uma história pessoal de leitura. Entretanto, as sugestões aqui contidas (e detalhadas no item a seguir) não devem ser tomadas como “receitas” ou “soluções” para os problemas e dilemas da formação de leitores críticos, mas como referências a serem compreendidas e ressignificadas no contexto de cada ação particular.

Orientações para as aulas de Língua Portuguesa

O objetivo deste material de apoio é desenvolver a competência leitora e o senso estético no jovem estudante. Trata a ficção como um modo de interpretar o cotidiano, estabelecendo relações entre a vida e a literatura. Amplia as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania e dos estudos, especialmente no que se refere às questões indígenas.

Pré-leitura

Aproxime os alunos do universo do autor Daniel Munduruku e deixe-os mais à vontade para falar sobre a obra. Para isso, peça que um aluno leia em voz alta a nota biográfica, na última página do livro. Depois, questione-os, com o objetivo de orientar as manifestações sobre a leitura: —

Essas questões são apenas para estimular os alunos a falarem sobre o que foi lido. O estudo do texto será feito mais adiante.

Mostre para os alunos o vídeo *Povos indígenas – Munduruku*¹, com o depoimento de Daniel Munduruku, para que conheçam alguns aspectos da cultura desse povo indígena.

- O texto revela alguma coisa sobre sua infância? E sobre a adolescência?
- Quais são as informações contidas no texto?
- Pela nota biográfica, o que sabemos sobre Daniel Munduruku?
- É um texto pessoal, que desperta sentimentos no leitor? Ou é impessoal, meramente informativo?

¹ Disponível em: <http://bit.ly/2l0tXyJ>. Acesso em: 2 maio 2018.

Compreensão e estudo do texto

A inclusão de obras da literatura indígena contemporânea possibilita ao aluno observar, além da estrutura da composição, estilo e aspectos discursivos, o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente, conquistando um espaço de fala até então restrito aos vencedores.

Atividade 1

Antes de os alunos entrarem na sala, escreva no quadro o texto que segue. Deixe-o lá para que eles o leiam, sem, no entanto, fazer qualquer comentário:

*O **autor** é uma pessoa de carne e osso.*

*O **narrador** é um ser de papel, faz parte do texto e só existe no texto.*

Não se pode atribuir ao autor as ideias, as preferências e os pontos de vista do narrador.

Questione-os:

- Se biografia é a história da vida de alguém (já que *bio* é vida e *grafia* é texto, escrita), o que você imagina ser autobiografia?
- E o que caracteriza um texto de “quase autobiografia”, como o autor mesmo assinala no título do livro?
- Vocês sabem que o autor é um sujeito de carne e osso e que o narrador é um ser ficcional, certo? E nas autobiografias?

- Vocês acham que Daniel Munduruku foi sincero e fiel à realidade?
- No livro, o narrador fala de si como individualidade única ou como produto do meio?
- Por que se pode afirmar que é um texto literário? (Se houver alguma dificuldade nessa questão, peça que retomem a nota biográfica que consta no livro, e que comparem com o que leram no livro.)
- Se é um texto literário, esse “eu” que narra é o próprio Daniel Munduruku ou é um narrador-personagem?
- É possível estabelecer alguma relação entre o autor e o narrador? Por quê? Qual seria essa relação?

Essa discussão inicial se faz necessária para que os alunos tenham consciência do “pacto autobiográfico”² que consiste numa espécie de contrato de leitura entre o autor e o leitor. Ou seja: a autobiografia exige uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. Essa relação permite ao leitor associar o narrador-personagem ao nome do autor assinado na capa e assumir, então, que os fatos narrados são “realmente parte da vida do autor”. É muito comum – e até aceitável – que, ao se ler uma autobiografia, refira-se ao autor como sendo o próprio narrador-personagem.

Essa identificação pode ser estabelecida de diferentes formas:

1) quando narrador e personagem possuem o mesmo nome, remetendo a uma pessoa existente, registrada em cartório, que seria o autor da obra;

2) quando o personagem não tem nome na narrativa, mas o autor dá indícios de identificação com o narrador-personagem, através de títulos, preâmbulos e prefácios que remetem ao nome do autor assinado na capa;

3) quando o autor deixa pistas, ao longo de sua narrativa, como títulos de suas obras anteriores, menção à sua profissão, nome do pai e da mãe ou até mesmo uma passagem rápida, na qual seu nome próprio aparece.

² LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Atividade 2

Para dinamizar a discussão, segmente o estudo da obra, tendo o sumário como critério orientador. Distribua as “partes” em pequenos grupos. Observe que cada uma das divisões de capítulo é composta por um número diferente de crônicas e pequenos textos (Parte um: Criança – 14; Parte dois: Juventude – 12; Parte três: Vida adulta – 15). Oriente-os para que cada aluno fique responsável por dois ou três textos/crônicas. É importante que os grupos não tenham mais que sete alunos, de modo que todos possam participar ativamente da leitura e da troca de percepções. Peça que façam novamente a leitura para, a seguir, estabelecerem relação do texto/crônica lido com a vida do autor. Solicite que efetuem o registro das respostas para que, depois, possam comunicar seus achados e conclusões ao grande grupo.

- Qual é o tema da crônica? O narrador-personagem fala apenas da sua vida ou traz informações sobre o povo munduruku? Exemplifique.
- Quem é esse narrador-personagem que fala no texto?
- Onde ocorrem os fatos? Na cidade? Na aldeia? No meio da floresta?
- Os fatos relatados são corriqueiros? Envolvem apenas o narrador?
- É possível inferir a época em que ocorreram?
- As lembranças do narrador são despertadas por objetos? Por pessoas? O que mais?
- Qual sua opinião sobre a linguagem do texto? É simples, de fácil compreensão? Ou exige o uso constante do dicionário?

Promova um breve debate de modo que os grupos se deem conta de que na “quase autobiografia”, o que é contado não é realidade exata. A realidade dá base ao que está sendo escrito, mas o texto traz uma dose de inventividade, pois sempre será uma das versões possíveis de um mesmo fato que passa pela subjetividade do autor. Leia o que diz o narrador na p. 12: “Todas são quase verdadeiras. Outras são quase falsas. Algumas são inventadas para dar mais emoção”. Enquanto falam, faça observações que confirmem que:

- a narrativa é em 1a. pessoa (narrador-personagem) e nela a vida de Daniel Munduruku – desde menino até a celebração de 20 anos como autor literário – serve de pano de fundo para o escritor indígena rememorar sua vida e sua militância em favor dos povos indígenas;
- a estrutura do livro, com textos curtos e pequenas crônicas, permite que a leitura se faça em fragmentos, a granel, como a memória (leia o texto da introdução, p. 10);
- o narrador fala de si mesmo para expressar suas experiências, enquanto sujeito histórico no papel de autor-protagonista, mas não nega a coletividade munduruku; ao contrário, ele ressalta suas lutas políticas;
- a vida pessoal do sujeito autobiográfico parte de seu protagonismo fora da aldeia e é entremeada pelas memórias construídas no coletivo da aldeia, reforçando seu pertencimento a uma etnia;

- a autobiografia permite ao leitor reconhecer o autor indígena como alguém que tem vida e práticas cotidianas como marido, pai, escritor, amigo, mas que também pertence a uma etnia e é um cidadão politicamente engajado.

À medida que comunicam seus achados, incentive-os a acrescentarem novos elementos, contribuindo com a fala do colega, aproximando as leituras e construindo a compreensão da autobiografia.

O engajamento dos alunos na atividade pode ser considerado para fins da avaliação formativa, tanto de processo quanto de resultado, observando o contexto e as condições de aprendizagem.

Atividade 3

A título de fechamento do estudo do texto, retome questões fundamentais para que os alunos compreendam a importância literária dessa autobiografia: é um espaço em que o autor indígena pode falar e ser ouvido. Desse modo, o escritor encontra, fora da grande mídia centralizadora, lugar para expressar e defender sua causa e sua literatura.

Reforce a relação entre o eu que narra (indivíduo histórico) e a coletividade indígena munduruku. Observe que o narrador-personagem inicia sua autobiografia rememorando um episódio de infância. Este, no entanto, é logo relacionado à memória dos velhos de sua aldeia, que contavam histórias antigas, reportando-se à memória ancestral:

À noite, os velhos contavam histórias antigas que traziam fenômenos semelhantes: tremores de terra. Nas histórias, diziam que era a fúria dos ancestrais. Eles estavam tristes com os seres humanos, e por isso faziam a terra tremer para que as pessoas tomassem juízo. Eu ouvia tudo aquilo sempre agarrado à saia de minha mamãe. Estava com medo de que os ancestrais quisessem me pegar por eu ter feito alguma coisa ruim (p. 18).

Daniel Munduruku preocupa-se em transmitir o pensamento ancestral e contemporâneo indígena, inclusive nessa obra autobiográfica. Isso remete ao estilo que o autor indígena imprime às suas produções para dialogar com a política, com a religião, com a educação, com temas e gêneros presentes no cotidiano dos povos indígenas.

Descobri na literatura uma grande aliada, uma grande companheira (...). O fato é que a literatura apareceu como uma aliada à altura (p. 191-192).

A partir de seus livros, Daniel se dá a conhecer. Como consequência, ele reafirma sua participação no movimento de desconstrução de estereótipos negativos em relação a ele e ao seu povo (e aos demais povos indígenas) ao longo da história de nosso país.

Pós-leitura

O escritor, via literatura, mostra que os povos indígenas podem falar por si próprios e

que eles também têm direito à memória e a modos de vida próprios. Os munduruku têm suas tradições ancestrais, assim como têm os maxakali, os guarani, os kaingangue... São 254³ povos no Brasil!

Leve-os à sala de informática e peça que naveguem na página do Instituto Socioambiental – ISA⁴, responsável pela construção de um panorama da situação dos povos indígenas brasileiros, dando a conhecer um pouco desses povos que nos constituem.

Ao retornarem para a sala de aula, desafie-os a pesquisar e ampliar suas histórias de leitura conhecendo outros escritores indígenas. Sugira e anote no quadro as que seguem:

COHN, Sérgio (org.). *Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

Quem sabe eles se entusiasмам e criam um clube de leitura, no qual os alunos se associem livremente para partilhar gostos e opiniões comuns?

³ INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil: quantos são? Disponível em: <http://bit.ly/2ry73nl>. Acesso em: 1 mai. 2018.

⁴ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso em: 1 mai. 2018.

Potencial interdisciplinar

As **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** são parceiras privilegiadas neste estudo. A proposta de dinâmicas interativas e colaborativas permite explorar as relações entre os povos indígenas e a natureza, bem como a organização social, política e cultural desses povos originários, suas formas de trabalho, suas relações com outras populações, seus conflitos e negociações. Além disso, pode levar os alunos a relacionar demandas políticas, sociais e culturais das populações indígenas no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

- Pré-leitura** • Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- Atividade 1** • Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas do gênero, para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.
- Atividade 2** • Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas da obra (a apreensão pessoal do cotidiano, a manifestação livre e subjetiva do narrador diante do mundo, a dimensão política e social de texto que dá voz ao indígena) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

- Atividade 3** • Relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.)
- Pós-leitura** • Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Roteiro de Leitura

Autoria:

Ana Mariza Filipouski
e Diana Marchi

Projeto Gráfico:

Laura Spina França
e Camila Garcia Kieling

Revisão:

Rosana Maron

Porto Alegre, 2018

edelbra